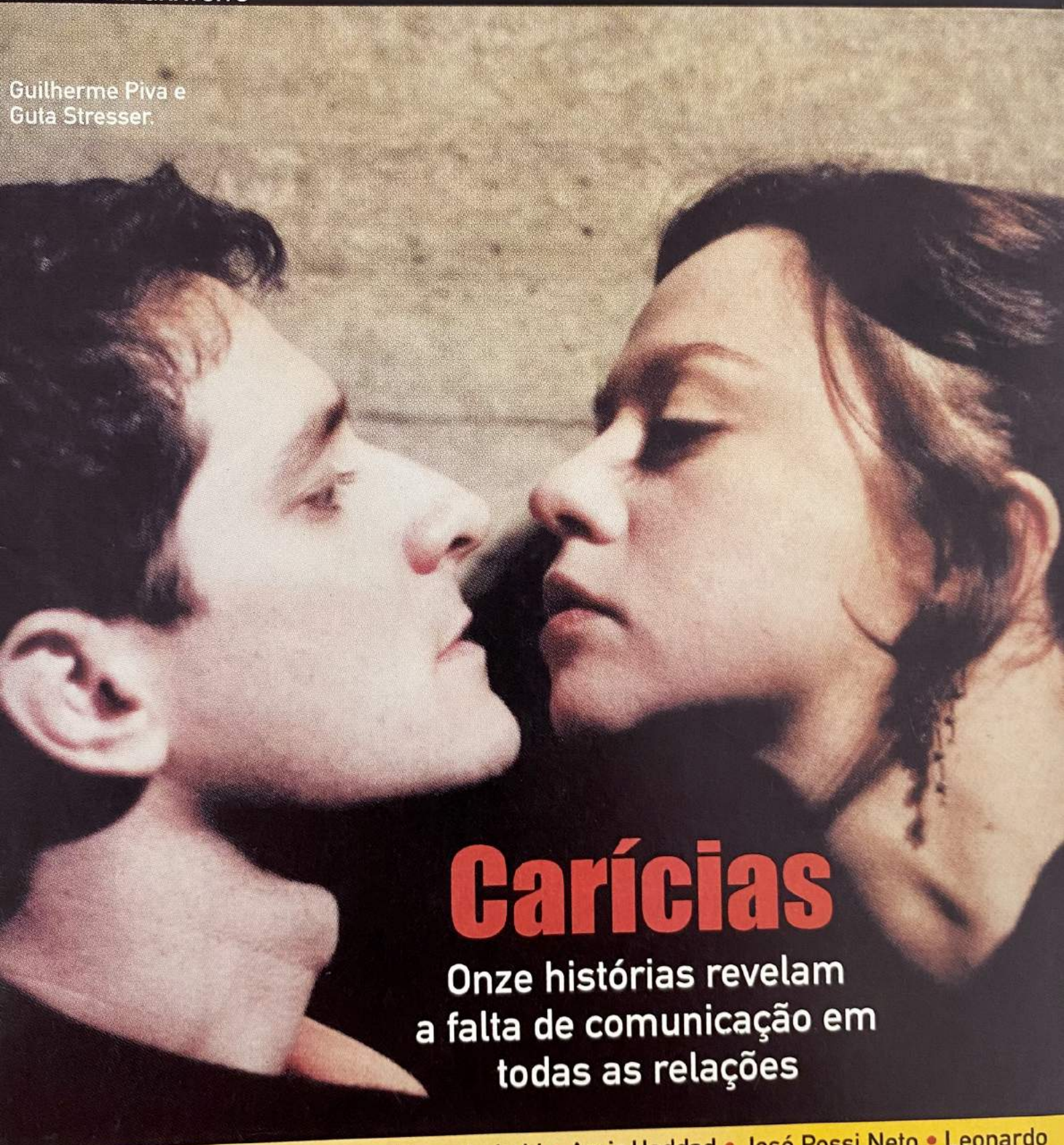
APLAUSO

ANO III Nº 30

teatro

EXEMPLAR GRATUITO

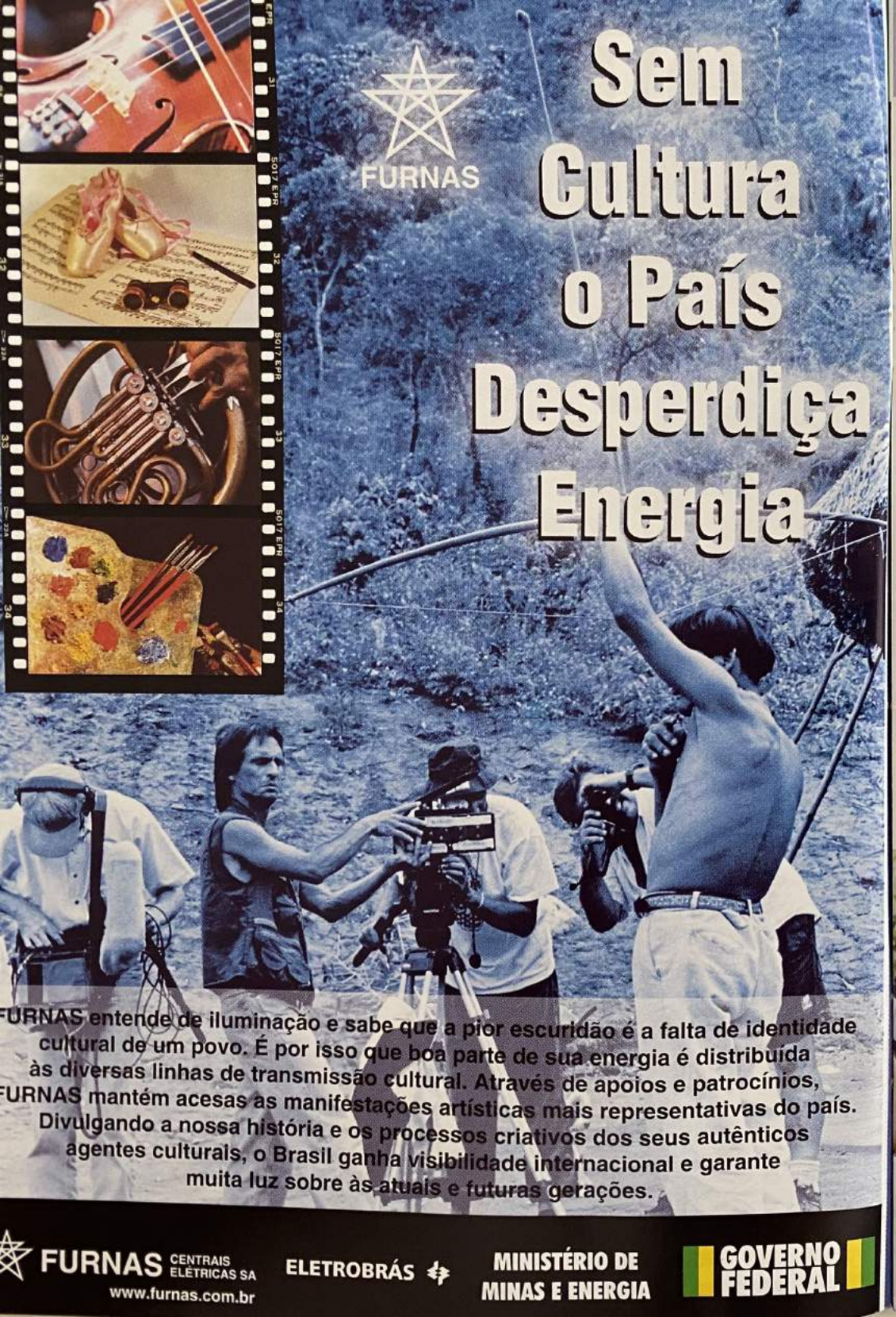


Guilherme Piva e Guta Stresser.

Carícias

Onze histórias revelam a falta de comunicação em todas as relações

Jornal do teatro • Em Cartaz • Aimar Labaki • Amir Haddad • José Possi Neto • Leonardo Villar • Marcus Alvisi • Maria Padilha • Pedro Cardoso • Pedro Paulo Rangel • Regina Braga


FURNAS
Sem Cultura o País Desperdiça Energia
FURNAS entende de iluminação e sabe que a pior escuridão é a falta de identidade cultural de um povo. É por isso que boa parte de sua energia é distribuída às diversas linhas de transmissão cultural. Através de apoios e patrocínios, FURNAS mantém acesas as manifestações artísticas mais representativas do país. Divulgando a nossa história e os processos criativos dos seus autênticos agentes culturais, o Brasil ganha visibilidade internacional e garante muita luz sobre às atuais e futuras gerações.
FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS SA
www.furnas.com.br
ELETROBRÁS
MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
GOVERNO FEDERAL

Memória viva

Gostaria de aproveitar este espaço da **Aplauso** para lembrar os velhos atores. É uma preocupação que está em mim neste momento e sobre a qual ando trabalhando O próprio *Sermão da Quarta-Feira de Cinzas*, que enceno desde 94, fala da finitude. É uma pregação contra a vaidade. Mas a idéia surgiu a partir de uma peça inglesa, de Tom Stoppard, *Rosencrantz e Guilderstern*. Um dos personagens, o ator, pergunta num determinado momento: "Sabe o que acontece com os atores velhos?" E ele mesmo responde: "Continuam representando". É uma condenação, mas sublime, porque apesar da mão tremida e do passo mais lento, a emoção está lá, viva, nos olhos brilhando. Acho que todas as homenagens devem ser prestadas, como o atual espetáculo com as cantoras do rádio e as participações de Mário Lago em alguns trabalhos.

A contrapartida disso são as pessoas muito jovens, ávidas demais, que surgem sem saber que os nossos velhos atores estão indo embora, desaparecendo. Alguns na Casa dos Artistas. Outros, nem sabemos onde. Adoro os jovens. Eles me alimentam, me dão a chama do novo que se perde com o tempo. Mas é necessário ficar atento. Afinal, ninguém sabe o que vai acontecer. Nem comigo nem com eles. Não se pode esquecer que o velho ator representa a memória da gente. Ainda tenho muito a observar e a aprender com eles. Graças a Deus sou muito requisitado. A TV está lá para me permitir fazer o teatro que quero. Posso apostar em coisas que não são comerciais, como o *Sermão*. Gostaria que os mais velhos do que eu também tivessem esta oportunidade.

Pedro Paulo Rangel, setembro de 2001

Debaixo do chuveiro

Desde a estréia, em novembro passado, cerca de 50 mil pessoas aplaudiram o musical *Cantores do Chuveiro/100 anos de MPB*. Depois de rápidas férias, o grupo composto por psicanalistas, arquiteta, crítica literária e engenheiro reestréia em horário alternativo na Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon, às terças e quartas, às oito da noite. Agende-se!

Engraçadinha no CCBB

O romance de Nelson Rodrigues *Asfalto Selvagem – Engraçadinha, seus amores seus pecados* ganha montagem teatral a partir de outubro no CCBB. Organizado por André Paes Leme, o projeto vai encenar as duas partes do romance utilizando técnicas narrativas que alternam a interpretação com a narração. A direção será dividida entre o próprio André – *Engraçadinha I* – e Luiz Artur Nunes – *Engraçadinha II*. O elenco das duas partes vai reunir 23 atores.

Biblioteca

Chegam às livrarias mais dois volumes da série *Bastidores*, sobre teatro brasileiro, de Simon Khoury. O quarto volume tem entrevistas com Dina Sfat, Cláudio Correa e Castro, Aimée e Tony Ramos. Já Diogo Vilella, Edney Giovenazzi, Maria Della Costa e Laura Suarez estão no quinto volume. A série, composta por 10 livros, terá 40 entrevistas com os mais importantes artistas do teatro brasileiro. Reserve o seu volume.

A longo prazo

Suzana Vieira está toda entusiasmada com o convite para fazer Mrs. Robinson no teatro – no cinema, *A Primeira Noite de um Homem*, que deu o Oscar de direção a Mike Nichols, em 1967. Suzana fará o papel que foi de Anne Bancroft, mas ainda não sabe quem será seu Dustin Hoffman. A atriz só subirá ao palco no segundo semestre de 2002.

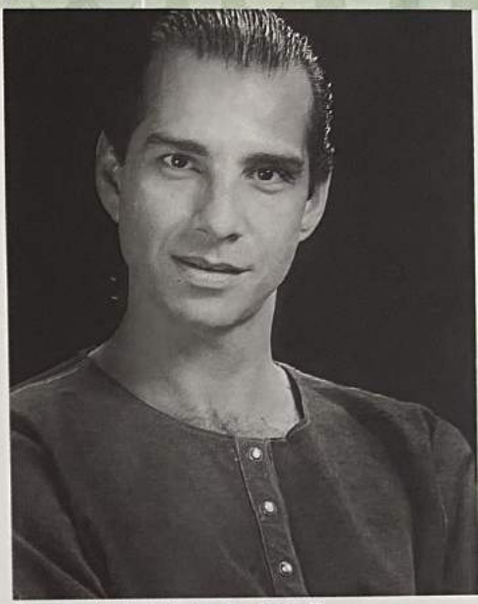
GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: divulgação.

Marcus Alvisi

Exercício de humildade



Marcus Alvisi: "o teatro é vital".

"Tudo o que aconteceu na minha vida devo ao teatro. Quando fui assistir *Hoje É Dia de Rock*, no Teatro Ipanema, tive a certeza de que era aquilo que queria fazer. Acabei conhecendo Rubens Corrêa e fui para a UniRio onde me formei em interpretação e direção teatral. Mergulhei no teatro. Mas a minha formação eu devo ao Rubens Corrêa, Ivan Albuquerque e Teatro Ipanema. Acabei trabalhando com Rubens a vida inteira, Fizemos uma adaptação de *A Hora dos Assassinos – Um estudo sobre Rimbaud*, de Henry Miller, e estávamos procurando um ator jovem para o papel do poeta quando ele morreu.

Uma das coisas que me fascinava no Rubens Corrêa era a sua pureza ao fazer teatro. Ninguém tinha. A pureza do puro teatral, não moral. Ele fazia teatro do nada e aquilo virava um acontecimento. Trabalhamos de todas as maneiras: ele me dirigindo e vice-versa, ou eu produzindo e por aí afora. A maneira de abordar cada tema eu devo a ele. Fazia um teatro muito especial. E que acabou.

Nunca parei. O teatro é vital. Este ano já fiz três peças: *Hamlet* (sempre dirigi c Diogo Vilella), *Tudo no Escuro* e *O Beijo no Asfalto*. É como um alimento mesmo. Aliás, o teatro tem esta função. O Rubens dizia que o teatro é o exercício da humil dade, porque você nunca sabe o que va acontecer. Por isso acho que nunca va morrer. É único. Esta experiência viva qu proporciona é só dele.

Diria que sou uma mistura deste tea tro, do Ipanema com o besteirol, qu inauguramos com *Pompeu Lorêdo*. Aca bei virando uma mistura de formalidad com irreverência. Agora vou dar uma pa radinha para dirigir a novela *As Filhas d Mãe*, do Sílvio de Abreu, na Rede Globo Mas volto logo."

Regina Braga

Um porto para Elizabeth Bishop

Os 15 anos da poetisa americana no Brasil, a relação com Lota Macedo Soares e seu olhar crítico sobre o país.

Por Maria Lucia Rangel

O espectador vai se surpreender ao assistir *Um Porto para Elizabeth Bishop*, texto da jornalista Marta Góes dirigido por José Possi Neto. Em alguns momentos do monólogo, a atriz Regina Braga fica igual à poetisa americana que passou quinze anos morando no Brasil, de 1952 a 1967. Ela minimiza a admiração, dizendo que "isto acontece com os atores". Mas que Regina está excepcional dizendo este texto que, em São Paulo, recebeu elogios de todos que foram ao teatro, é verdade. E aqui no Rio, no Teatro Adolfo Bloch, o público tem reagido com entusiasmo. Segundo Regina, estava mais do que na hora desta poeta ser descoberta pelos brasileiros.

Não foi por acaso que Marta Góes se interessou por Elizabeth Bishop. A jornalista passou a infância perto de Samambaia, em Petrópolis, onde cresceu ouvindo falar de sua vizinha poetisa. "Aquelas mulheres", como se referiam os moradores da redondeza à Elizabeth e à Lota Macedo Soares, com quem a poetisa viveu todo o tempo que passou no Brasil: "Foram anos muito intensos para ela", lembra Regina, "e pode-se ver isto através de sua obra. A relação dela com Lota, por exemplo, alimentou muito de seus poemas".

Regina mal tinha ouvido falar da escritora até Marta Góes contar seu projeto. Através de algumas matérias, sabia que Bishop era americana, poeta e lésbica: "Quando Marta começou a me contar dos poemas do Brasil escritos por ela, achei a história maravilhosa. 'Escreve que eu faço", disse. E comecei a ler."

Várias coisa na obra da poeta fascinaram a atriz. Cada hora uma. Mas o que realmente a tocou foram os comentários sobre os brasileiros: "Ela fala da nossa identidade e remete a situações fundamentais. E como escrevia sobre o Brasil em suas cartas para amigos íntimos, era sempre muito sincera".

O entusiasmo de Regina com o texto foi tão contagiante que o diretor José Possi Neto aceitou dirigir sem ter terminado de ler o texto: "Ela estava arrebatada", conta Possi. "Comecei a ler, liguei para ela e aceitei dirigir. Fizemos um trabalho de câmera inspirado nas cartas. Mas o sucesso deve-se ao conjunto, como o cenário abstrato, uma instalação no Brasil dos anos 60."

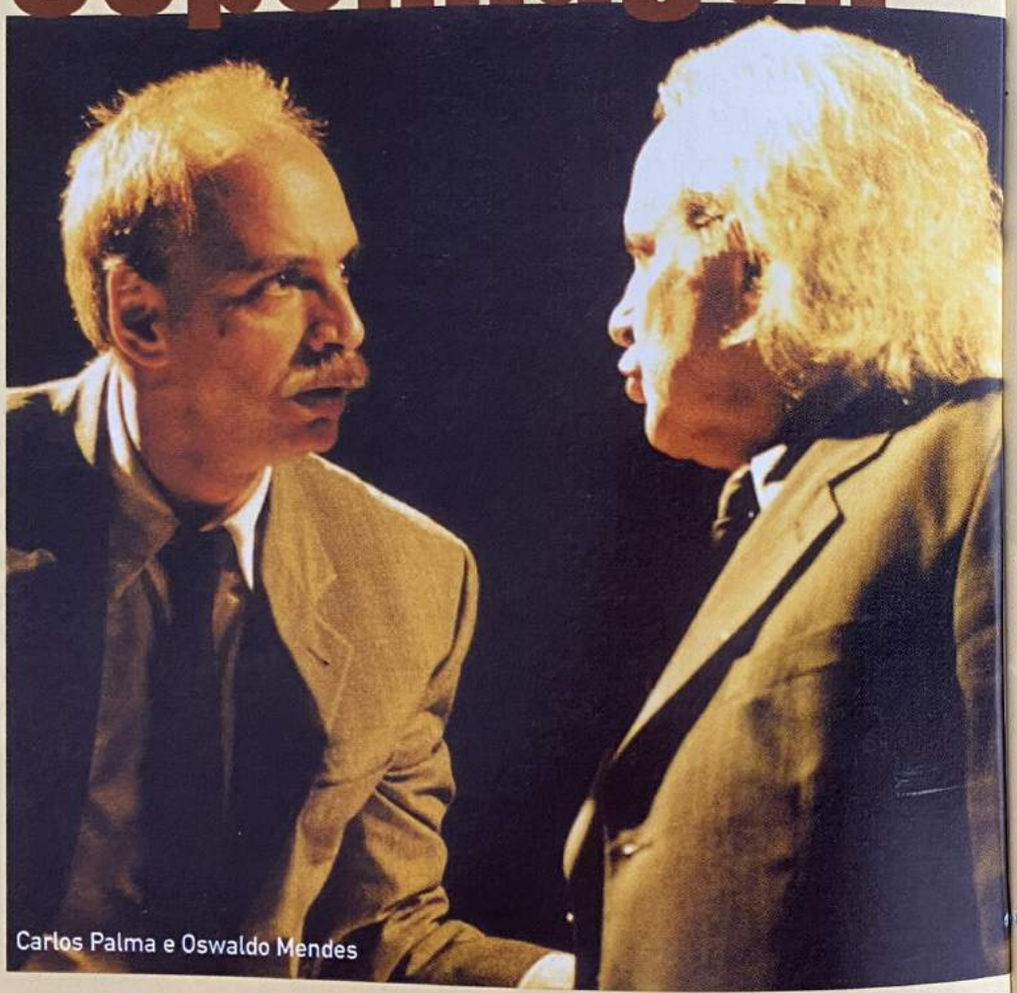
Uma escala de 15 anos

Quando desembarcou no Porto de Santos em 1951, escala de uma viagem pela América do Sul, Elizabeth Bishop fugia de uma grande depressão. Convidada pela amiga Mary Morse viajou para o Rio de Janeiro para uma breve visita. Foi no Rio que conheceu e se apaixonou por Lota Macedo Soares, responsável pela construção do Parque do Flamengo, e que então vivia com Mary.

O monólogo começa com a chegada da poeta ao Porto de Santos até sua volta para Nova Iorque: "A peça procura detectar quais os ingredientes dessa temporada brasileira contribuíram para que Elizabeth tenha superado suas neuroses para chegar a uma velhice serena, como uma escritora consagrada", explica Marta Góes. Vai além: "Minha tarefa foi ouvir a respiração e a voz daquela mulher das fotografias e das cartas, imaginar sua travessia rumo à sobrevivência. Isso trazia junto o casamento com Lota Macedo Soares e a relação com um país estranho e distante chamado Brasil".

FOTOS: ANDRÉ BRANDÃO/DIVULGAÇÃO

Copenhagen



Carlos Palma e Oswaldo Mendes

FOTO: DIVULGAÇÃO

Física clássica e quântica convivem em um texto que já conquistou o mundo todo.

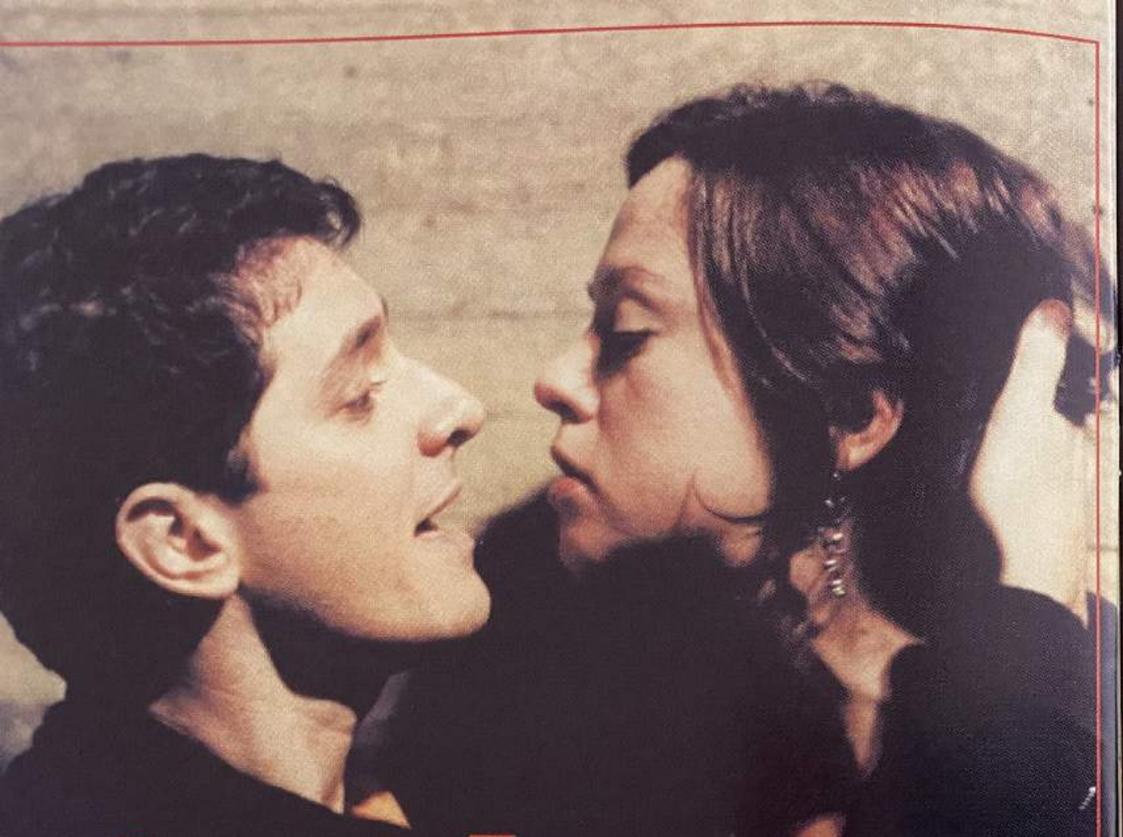
Em meio ao ritmo corrido das gravações da novela das oito da Globo, Joana Fomm encontrou um tempo para avisar aos amigos: "Não percam, é fantástico". É a atriz uma das mentoras da propaganda boca-a-boca da peça *Copenhagen*, sucesso de crítica em São Paulo e que aportou no Rio na Casa da Ciência, em Botafogo. Escrita pelo inglês Michael Frayn, recebeu o prêmio Tony, em Nova Iorque; o Evening Standard, em Londres; e o Molière, em Paris. No Brasil, foram três indicações para o Prêmio Shell: direção, cenário e iluminação.

O espetáculo trata de um encontro que mudou o rumo da história. Em 1941, os pais da física quântica Niels Bohr, judeu dinamarquês, e Werner Heisenberg, alemão encarregado do programa nuclear de Hitler, têm uma breve e misteriosa conversa sobre a bomba atômica em Copenhagen, então sob ocupação nazista. No elenco o ator Carlos Palma como Heinsenberg, Oswaldo Mendes como Niels Bohr, e Selma Luchesi como Margrethe Bohr.

Pós-moderno

Copenhagen chegou ao Brasil, antes do sucesso internacional, pelas mãos do ator e produtor Carlos Palma. Ele já tinha montado *Einstein* e queria continuar trabalhando em cima de arte e ciência. O próprio Frayn enviou a peça para ele. Palma passou o texto para Aimar Labaki e este chegou à conclusão de que a peça não iria dar dinheiro, mas tinha um texto maravilhoso. "Quando comecei a trabalhar na tradução, *Copenhagen* ganhou o prêmio em Londres e, depois, o Tony em Nova Iorque", conta Labaki.

O interessante, para o tradutor, é que Michael Frayn, atualmente com 60 anos, já tinha publicado muitos livros e escrito inúmeras peças, sempre sem sucesso. Só agora que ele estourou com *Copenhagen* e com um livro que não tem nada a ver com o espetáculo: "Eu me apaixonei imediatamente pela estrutura dramatúrgica: uma novidade madura que, apesar de toda a brincadeira pós-moderna com o texto, te coloca em cada cena no passado, presente, futuro e fora dali", explica Labaki. "No primeiro ato, o texto acompanha a estrutura da física clássica, tentando entender as coisas através da causa e feito. No segundo ato, é a vez da estrutura não casual, da quântica, terminando por reproduzir a teoria da complementaridade". Segundo Aimar, um texto muito louco e maravilhoso. O ator Ary França, que assistiu o espetáculo em São Paulo, deu uma boa definição: "Esta peça é tão abrangente que vai interferir até na minha jardinagem".

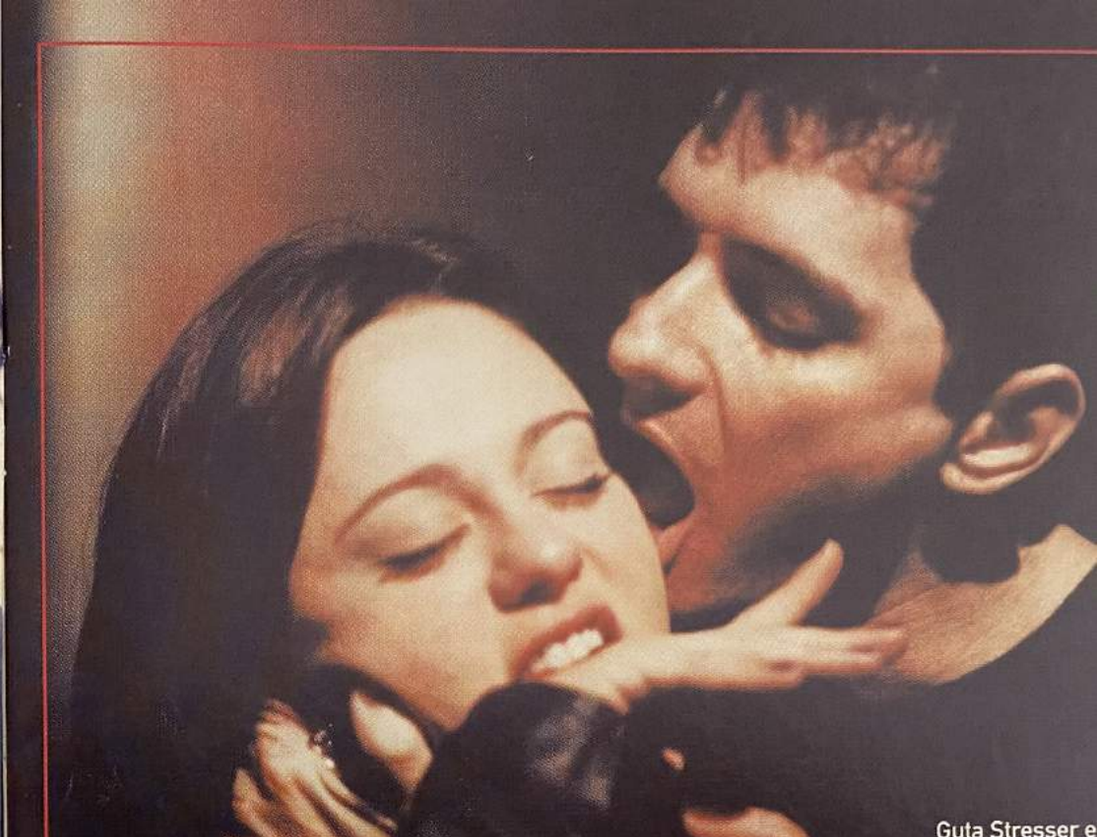


Carícias

Texto do dramaturgo catalão Belbel inaugura o teatro Jockey.

Falar sem se escutar, escutar sem ouvir e sem se olhar. *Carícias*, o primeiro texto do dramaturgo catalão Sergi Belbel a chegar ao Brasil, no fim de setembro, inaugura o Teatro Jockey e trata de situações onde o ser humano deixa vir à tona suas emoções mais intensas e também seus instintos mais baixos. São onze histórias de diferentes relações: casal, mãe-filha, irmãos, jovens-velhos, amantes... Oito atores se revezam no palco dirigidos por Christiane Jatahy: Guta Stresser, Giselle Fróes, Gabriel Braga Nunes, Guilherme Piva, Ricardo Blat, Oscar Saraiva e Suzana Saldanha.

Christiane Jatahy, que também traduziu a peça, foi quem tomou a iniciativa de apresentar o autor catalão aos brasileiros. E está fazendo mais. Paralelamente à peça, está organizando um evento – Primeiro Encontro Internacional de Dramaturgia Contemporânea – com leituras, oficinas, seminários e lançamentos de textos inéditos de autores convidados, não só espanhóis – como o próprio Belbel – mas também brasileiros, dando um panorama do teatro espanhol contemporâneo e estimulando novos autores. "Morei na Espanha", conta Christiane, "onde estudei e trabalhei algumas vezes. Em 92, durante um encontro de profissionais em Barcelona, tive aulas com Belbel e desde então tinha vontade de trazê-lo para cá".



Guta Stresser e
Guilherme Piva

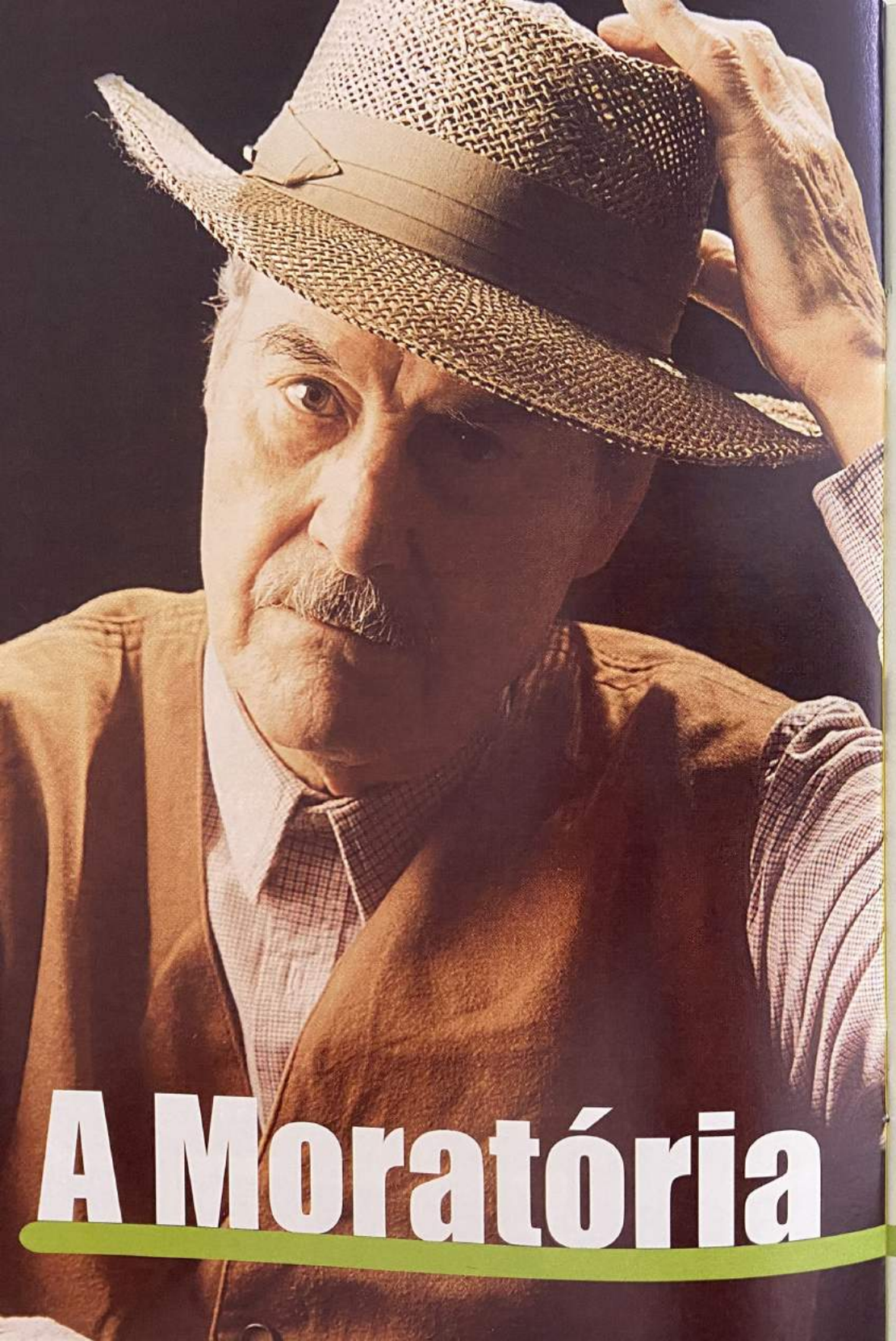
Carícias trata de um tema bastante contemporâneo: a incomunicabilidade. Na verdade, fala da falta de carícia. Baseado na estrutura de *La Ronde*, tem sempre dois personagens se encontrando no palco. Um sai, entra outro e a relação anterior é passada adiante. Até que a última cena cria a reversão: a verdadeira carícia.

Trabalhar com muitos atores – coisa rara hoje em dia – é para a diretora uma experiência fascinante. Como são duplas, é quase como dirigir onze peças diferentes: "Como são cenas muito cruas e íntimas, estou trabalhando com arquibancadas móveis e pantográficas."

Intercâmbio

O Teatro Jockey foi arrendado pela Prefeitura do Rio de Janeiro e será administrado pela Rio-Arte. Até então, servia como auditório da escola de primeiro grau dos filhos dos funcionários do clube. O salto foi grande, já que estréia com um evento internacional, que vai reunir desde o autor de Carícias, Sergi Belbel, até Sanchis Sinisterra, um dos grandes autores do teatro contemporâneo, cujas últimas peças têm sido montadas em diversos países, como O Cerco de Leningrado, no Theatre National la Coline, em Paris, e que viu seu texto Ay, Carmela virar filme dirigido por Carlos Saura. Também virão Juan Mayorga, Ignacio del Moral, Raul Dans, Josep Benet i Jornet e Paco Zarsoso. Do Brasil participam Fernando Bonassi, José Rubens Siqueira, Aimar Labaki, Luís Alberto de Abreu e Alcione Araújo.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



A Moratória

A crise do café nos anos 30 traz Leonardo Villar de volta ao palco.

Por Maria Lucia Rangel

Leonardo Villar não fazia teatro há seis anos. Volta com o texto de Jorge de Andrade, *A Moratória*, também ausente dos palcos desde 1955, na famosa montagem de Gianni Ratto com Fernanda Montenegro. Com direção de Sidney Cruz, o atual espetáculo estréia no Teatro Sesi tendo no elenco, além de Leonardo Villar, Amélia Bittencourt, Gláucia Rodrigues, Edmundo Lippi. Silvio Kavinski e, em participação especial, Thereza Amayo.

O espetáculo tem como pano de fundo a crise cafeeira que abalou a economia de São Paulo por volta da década de 30. Como cenário histórico, aparece a decadência da aristocracia rural, absorvida pela nova burguesia industrial da cidade. A peça narra os últimos episódios da vida do fazendeiro Joaquim e de sua família na fazenda. Dois planos cênicos dividem a história: um corresponde ao ano de 1932, o outro se passa em 1929. Os conflitos entre Joaquim e o filho Marcelo se esboçam no passado para irromper com violência no presente. O sofrimento coletivo da família do patriarca é o contratempo do drama gerado pela crise do café.

"Adoro a peça e o papel que faço", diz Leonardo Villar. "O personagem me encanta pela obstinação pela terra. Eu nasci numa fazenda. Quando Joaquim fala no cheiro da terra molhada, sinto aquilo! A não ser o lado repressivo do personagem, tudo o mais tem a ver comigo: opinião, amor à família, lado protetor. Ele me emociona demais."

Dosagem

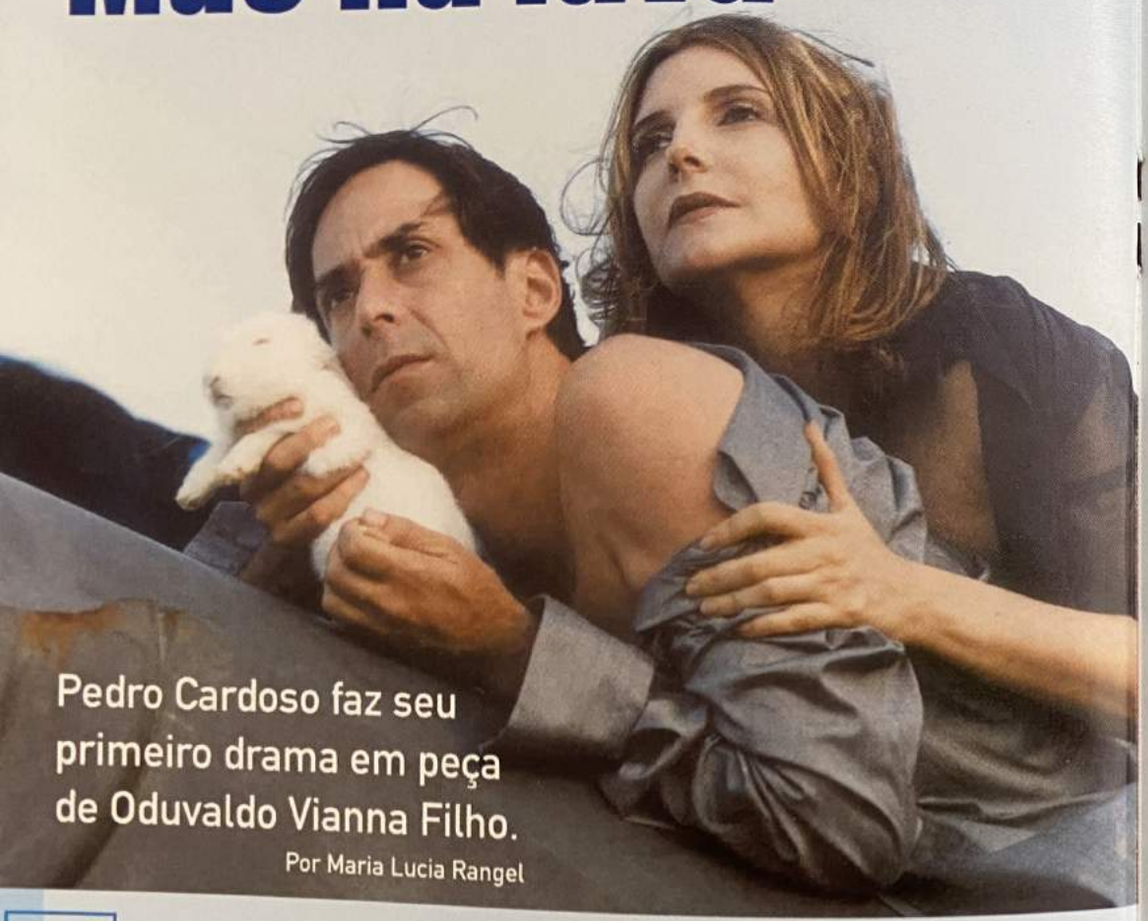
Longe dos palcos desde a peça *Outra Vez*, Leonardo diz que não se afastou do teatro, apenas aceita ou não os convites que recebe: "Fui fazendo cinema, televisão, e o teatro foi ficando para trás. Agora, coincidentemente, tive três convites interessantes: duas comédias e *A Moratória*. Além de a peça do Jorge de Andrade ser um texto nacional, é muito bom e o papel era para a minha idade."

Um dos testes que o ator costuma fazer é durante a leitura do texto: "Me interessa ler, gostar e sentir. Se a gente pára de ler para almoçar ou tomar café, é porque o texto não tem importância. E o Jorge de Andrade eu já conhecia. Fomos colegas na Escola de Arte Dramática em São Paulo. Eu, na primeira turma. Ele, na segunda. Já fiz duas peças dele, *Pedreira das Almas* e *Rastro Atrás*."

Apesar da formação teatral – quando começou a fazer cinema já tinha 12 anos de TBC – ele não tem preferências. É antes de tudo um ator e diz que sua função é representar. Tanto faz ser no teatro, cinema ou TV: "A diferença é uma dosagem que vem de dentro, vai para o coração e daí para a boca."

FOTO: CHICO LIMA/DIVULGAÇÃO

Mão na luva



Pedro Cardoso faz seu primeiro drama em peça de Oduvaldo Vianna Filho.

Por Maria Lucia Rangel

Uma madrugada na vida de um casal. Juntos há oito anos, Ele e Ela questionam o casamento em meio aos acontecimentos, também conflituosos, que caracterizam o país no fim dos anos 60. Este é o tema de *Mão na Luva*, peça de Oduvaldo Vianna Filho escrita em 66, período da ditadura militar, e descoberta por sua mulher em 81, sete anos depois da morte prematura do autor, aos 38 anos. *Mão na Luva* ganha agora a segunda montagem (a primeira foi em 84, dirigida por Aderbal Freire-Filho) com Maria Padilha e Pedro Cardoso, dirigidos por Amir Haddad, no Teatro dos Quatro. Uma produção coletiva que tem cenário de Hélio Eichbauer, iluminação de Maneco Quinderé e música de Carlos Cardoso, irmão de Pedro.

Maria Padilha e Pedro Cardoso procuravam entre os autores ingleses uma peça que pudessem fazer juntos. Com Amir Haddad, lembraram-se de *Mão na Luva*, lida no Teatro Glória durante o evento *60 a CDC*, organizado pelo diretor, que procurou mostrar de que maneira o regime militar interferiu na dramaturgia brasileira. Segundo Haddad, os ingleses não "batiam" no coração: "Queria um texto que falasse dos problemas universais e também do Brasil. Por que um inglês e não um brasileiro?" Além de preferir uma peça brasileira, Haddad reconhece que está sempre com Vianninha na cabeça. Em 89, ganhou o Prêmio Shell dirigindo *Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come*, única peça do autor que tinha feito até agora.

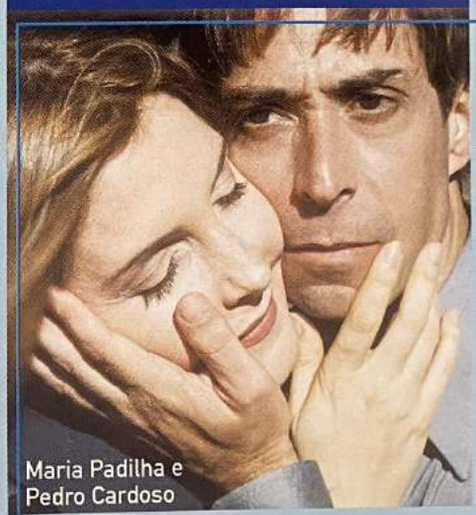
Um novo país

Mão na Luva é o primeiro drama na carreira de Pedro Cardoso, que entra na pele de um jornalista que ocupa o lugar profissional de um amigo, afastado por motivos políticos, e começa a gostar dos benefícios do cargo: coquetéis, bebidas importadas, festas em embaixadas e até uma casa de campo ao lado da do chefe: "A peça é profética", diz Haddad. "Todos nós vendemos nossa alma ao neoliberalismo. Quem não desistiu de suas idéias em nome de um pensamento pragmático? E a mulher do jornalista (Maria Padilha) começa a questionar o marido. Na madrugada em que se passa a história, ela se prepara para ir embora. Mas o Vianninha é generoso e nunca condena seus personagens. Ela acaba voltando e, quem sabe, a partir daí, não nascerá uma nova relação e um novo país?".

Maria Padilha, que segundo o diretor vai deixar a postura de mulher composta e bonitinha, está linda. E surpresa: "Fiquei impressionada com esta dramaturgia rica dos anos 60, da qual eu não tinha tomado conhecimento por ignorância ou falta de curiosidade de ler".

Vianninha: censurado

Oduvaldo Vianna Filho nasceu em São Paulo, em 1936, e como o pai, tornou-se dramaturgo. Conhecido como Vianninha, estreou no teatro como ator, em 55, na peça A Rua das Igrejas, de Lennox Robinson. Dois anos depois, escreveu seu primeiro texto, Bilbao, Via Copacabana. Um dos fundadores do Teatro de Arena e do Grupo Opinião, se transformou num dos mais importantes autores brasileiros com peças como Chapetuba Futebol Clube, Se Ficar o Bicho Pega, se Correr o Bicho Come, Longa Noite de Cristal, Papa Highirte e Rasga Coração. Foi um dos fundadores do Centro Popular de Cultura e teve várias peças censuradas durante o regime militar. Rasga Coração, por exemplo, ficou cinco anos na gaveta e só pode ser montada em 79, depois da morte do autor.



Maria Padilha e Pedro Cardoso

O Gordo e o Magro

Isabel Cavalcanti (Gordo) e Ronaldo Serruya (Magro)

Vão para o Céu

O tempo, a solidão e o patético dão o tom na peça de Paul Auster.

Os 10 anos da Cia Teatral do Movimento, de Ana Kfouri, estão sendo comemorados com a primeira incursão do grupo num texto escrito originalmente para o teatro. *O Gordo e o Magro Vão para o Céu*, do escritor americano Paul Auster, estreou no Teatro do Planetário-Maria Clara Machado, obviamente inspirado na dupla cômica do cinema, O Gordo e o Magro, mas também lembrando Gogo e Didi, personagens de *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, que exerceu enorme influência sobre o autor.

Apesar de sempre ter feito trabalhos de pesquisa de linguagem teatral e de representação de textos literários, Ana Kfouri sentiu um interesse imediato pela peça de Paul Auster quando lhe foi apresentada pelo dramaturgo Leonardo Sá: "Auster delineia seus personagens sem sentimentalismos ou psicologismos, deixando ao homem somente o consolo de sua própria paspalhice e humanidade. E esse viés do ridículo, do patético, está presente em todo o meu trabalho", explica Ana.

O patético e o nonsense

O tema simples da peça – uma duplas às voltas com a construção de um muro – remete a questões recorrentes na obra do autor, como o poder do acaso, a natureza da memória, o tempo e a solidão: "Através dessa dupla cômica e patética, Auster nos mostra o homem em confronto com a ausência de sentido de sua própria condição", diz a diretora.

O Gordo e o Magro Vão para o Céu foi encenada em quatro apresentações especiais do Dança Brasil no ano passado, já que Ana Kfouri criou o espetáculo a pedido dos organizadores da mostra do CCBB. Mas em nenhum momento o objetivo foi fazer um espetáculo coreográfico: "A montagem é essencialmente teatral", explica ela, que criou uma encenação onde o muro é construído a partir de enormes peças de dominó, que inserem os atores Isabel Cavalcanti (Gordo) e Ronaldo Serreuya (Magro) num grande jogo: "Como Beckett exerceu enorme influência sobre Paul Auster, decidi usar três trechos de **Esperando Godot**."

Os atores participaram de oficinas de Clown e estudaram, através de vídeos, o trabalho de palhaços tradicionais e contemporâneos. Por isso, o que se vê no palco é o total domínio da técnica, aliado à humanidade e à afetividade do texto.

FOTO: DALTON VALÉRIO/DIVULGAÇÃO

A Moratória

Peça de Jorge de Andrade sobre a decadência da aristocracia rural paulista nos anos 30. Direção de Sidney Cruz. Com Leonardo Villar, Amélia Bittencourt, Gláucia Rodrigues. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$15 (qui., sex. e dom.). R$20 (sáb.). Pré-estréias dias 6, 7, 8 e 9/9 a R$10.

Arpad e Vieira: Retrospectiva de um Amor

Espetáculo criado especialmente para ilustrar a exposição Período Brasileiro, que reúne obras do casal de pintores Arpad Szenes e Vieira da Silva. Texto de Dalva Lazaroni. Direção de Domingos de Oliveira. Com Isio Guelman e Clarice Niskier. **Casa França-Brasil** (Rua Visconde de Ouro Preto, 78, Centro). Fone: 2253-5543. Quinta e sexta, 18h30. Sábado e domingo, 17h. R$10, com direito a visitar a exposição.

Boeing, Boeing

A comédia de Marc Camoletti, sucesso nos anos 60 com Eva Wilma e John Herbert, volta com Luciano Szafir e Anja Bittencourt. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qui. e dom.), R$25 (sex.) e R$30 (sáb.).

Cantoras do Rádio/Estão voltando as flores

Show homenageando as grandes damas da Época de Ouro do Rádio. Com Carmélia Alves, Carminha Mascarenhas, Ellen de Lima e Violeta Cavalcante. Roteiro e direção de Ricardo Cravo Albim. **Café-Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos, 143 – Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R$25 (qui., sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Carícias

Histórias do autor catalão Sergi Belbel, sobre relações de casais, mães e filhas, irmãos, jovens e velhos. Direção e tradução de Christiane Jatahy. Elenco: Guta Stresser, Giselle Fróes, Gabriel Braga Nunes, Guilherme Piva, Ricardo Blat, Oscar Saraiva e Suzana Saldanha. **Teatro Jockey**. (Rua Jardim Botânico 1003). Fone: 2512-9988. Quinta, sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Carmen Miranda by Dussek

Uma seleção divertida e descontraída das pérolas da cantora. Eduardo Dussek ao piano tem a companhia do sax de Chico Costa e a percussão de Beto Cazes, ilustrando o clima do Bando da Lua. **Café Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos, 143 – Copacabana). Fone: 2235-5348. Terças e quartas, 21h. R$25.

Casamentos...

Comédia inglesa de Alan Ayckbourn em que um grupo de amigos discute casamento e amizade com inteligência e humor. Direção de Jacqueline Laurence. Elenco: Sylvia Bandeira, Alice Borges, Beth Erthal, Mário Borges. **Espaço 1 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440 – Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino de duas jovens autoras, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé, também as atrizes do espetáculo. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

A história do compositor americano Cole Porter escrita e dirigida por Charles Möeller, com direção musical de Claudio Botelho. Elenco: Ada Chaseliov, Alessandra Verney, Gottsha, Inez Viana, Kiara Sasso e Stella Maria Rodrigues. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qui. sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Copenhagen

Peça do inglês Michael Frayn, sucesso internacional traduzida por Aimar Labaki. Direção de Marco Antonio Rodrigues. Elenco: Carlos Palma, Oswaldo Mendes e Selma Luchesi. **Casa da Ciência** (Rua Lauro Müller, 3, Botafogo). Fone: 2542-7494. Sexta e Sábado, 20h30. Domingo, 20h. R$20.

Divina Delícia

Comédia de Regiana Antonini onde dois atores vivem oito personagens cada em, em situações engraçadas do

dia-a-dia. Direção de Paulo Afonso de Lima. Elenco: Carla Daniel e Rogério Fabiano. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 62, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.). R$15 (sex. e dom.). R$20 (sáb.).

Dussekolândia

Um perfil do comportamento da Geração 80 através de Eduardo Dussek, autor do espetáculo. Direção de Stella Miranda, com Luís Salém. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Esperando Godot

Versão do diretor José Celso Martinez Corrêa para o clássico de Samuel Beckett protagonizado pelos palhaços Harpagão e Wladimir. Com Selton Mello, Otávio Müller. **Teatro 1 do Centro Cultural do Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 18h. R$10. Até 23/9.

Frisson – O Musical

Um grupo de jovens se encontra todas as noites na garagem da casa de um deles para trocar idéias e falar de arte. Texto e direção de Marcelo Saback. Elenco: Flávia Monteiro, Françoise Forton, Claudia Mauro, Cláudio Lins e outros. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2210-1382. Sexta e sábado, 19h30. Domingo, 18h. R$15 (sex. e dom.). R$20 (sáb.).

Mão na Luva

Peça de Oduvaldo Vianna Filho sobre um casal que questiona o casamento em meio aos acontecimentos, também conflituosos, que caracterizaram o país no fim dos anos 60. Direção de Amir Haddad, com Maria Padilha e Pedro Cardoso. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e sex.). R$25 (dom.). R$30 (sáb.).

Morte e Vida Severina

Espetáculo baseado no poema de João Cabral de Melo Neto, com músicas de Chico Buarque. Direção de Luiz Fernando Lobo, com Gilberto Miranda e a Companhia Ensaio Aberto. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2221-1223. De quinta a domingo, 19h. R$15. R$8. Ingressos antecipados com até 24h.

O Beijo no Asfalto

Tragédia carioca em três atos de Nelson Rodrigues. Direção de Marcos Alvisi. Com Alessandra Negrini, Marcelo Serrado, Tonico Perreira, Rogério Fróes, Fernanda Rodrigues, Duse Nacarati. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10 (qui. e sex.). R$15 (sáb. e dom.).

O Gordo e o Magro vão para o céu

Peça do consagrado escritor americano Paul Auster sobre uma dupla às voltas com a construção de um muro. Concepção e direção de Ana Kfouri. Elenco: Isabel Cavalcanti e Ronaldo Serruya. **Teatro do Planetário-Maria Clara Machado** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2239-5948. Sexta e sábado, 23h. R$10.

O Homem que Viu o Disco Voador

Texto de Flávio Márcio sobre um homem que decide mudar de vida depois de ver um disco voador. Direção de Aderbal Freire-Filho. Com Paulo Betti, Vera Fajardo. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

O Irresistível Senhor Sloane

Peça do inglês Joe Orton sobre um irmão e uma irmã que disputam o amor de um jovem. Tradução de Sérgio Viotti. Direção de Ary Coslov. Com Thaís Portinho, Nildo Parente. **Teatro Posto 6** (Rua Francisco Sá, 51, Copacabana). Fone: 2287-7496. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui. e sex.) e R$12 (sáb. e dom.).

O Provocador @

Antonio Abujamra tem dois parceiros no texto desta nova provocação: Patrícia Mello e André Santana. Abujamra também dirige e atua, ao lado de Cláudio Tiso e Marcos Corrêia. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$1,99 (primeira semana) e R$10 a temporada. R$50 a quarta fila com direito a CD de Fernando Pessoa.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Sermão da Quarta-Feira de Cinzas

Pedro Paulo Rangel retoma o personagem que deu a ele os prêmios Molière, Mambembe e Shell em 94:o jesuíta Antônio Vieira. Direção de Moacir Chaves. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2239-5948. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

South American Way

Musical de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa sobre a trajetória de Carmem Miranda. Direção de Miguel Falabella. Stela Miranda e Soraya Ravenle interpretam duas Carmens num elenco de 18 atores e bailarinos. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. Dependendo do setor onde estiver localizada poltrona, o preço varia de R$30 a R$40.

Um Dia das Mães

Comédia urbana de costumes de Flávio Marinho, também o diretor e produtor, contando o encontro de uma mãe, dois filhos e mais um convidado trapalhão. Com Eva Wilma, Giuseppe Oristânio, Marcelo Escorel e Sérgio Loroza. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 2ih30. Domingo, 19h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Um Porto para Elizabeth Bishop

Texto da jornalista Marta Góes sobre os 15 anos da poeta norte-americana no Brasil. Direção de José Possi Neto, com Regina Braga no primeiro monólogo de sua carreira. **Teatro Adolfo Bloch** (Rua do Russel, 804, Glória). Fone: 2558-3862. De quinta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Visitando o Sr. Green

Texto do americano Jeff Baron sobre jovem executivo condenado a prestar serviços comunitários ao velho Sr. Green, após tê-lo atropelado. Direção de Elias Andreato. Com Paulo Autran e Cássio Scapin. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Colecione, assine!

APLAUSO guia de teatro
ARTE
O maior sucesso teatral da década
Deus lhe pague
Carmen, de Bizet, em recriação de Augusto Boal
O teatro em 1999
Especial
Decadência
Duas Mulheres e um Cadáver
A Mulher Sem Pecado
Patrocínio: por que tanta resistência?
Quem tem medo de Virginia Woolf?

Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

COMPRE JÁ!

Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 27

Um amor de circo

Para a garotada, uma história de paixão e conquista no picadeiro.

Por Maria Lucia Rangel

FOTO: DIVULGAÇÃO

Palhaço, trapezista, domador, leão e uma doce bailarina vão se revezar no picadeiro em que se transformou o Teatro Posto 6, em Copacabana, na comédia infantil *Um Amor de Circo*, que marca a estréia na direção do ator Déo Garcês, conhecido dos telespectadores por trabalhos nas novelas *Xica da Silva* e *O Cravo e a Rosa*. *Um Amor de Circo* é a primeira produção da dupla Alexandre Morcillo e Clóvis Corrêa, também responsáveis pelo texto.

A trama começa quando a trapezista Sombrinha descobre que o palhaço Lelê está apaixonado por Aninha, a bailarina. Nenhum deles desconfia de que o doutor Chicotes, o domador, também quer conquistar o coração da bailarina, contando com o leão Leonildo para ajudá-lo. Neste universo circense, os atores fizeram trabalho de corpo comandado por Vanda Jacques, integrante da Intrépida Trupe. E, comemorando a primeira produção da dupla, a festa vai se estender pelo lado de fora do teatro, com outros artistas, palhaços, músicos e contadores de história animando os espectadores mirins antes e depois do espetáculo: "Preferimos estrear produzindo teatro infantil para incentivar na criança o gosto pelo teatro", conta Clóvis Corrêa.

O exercício da direção

Os autores se conheceram em 97 no Planetário da Gávea, nas aulas da Fábrica de Dramaturgia. O primeiro trabalho da dupla foi a adaptação para teatro do livro *Galvês, o Imperador do Acre*, de Márcio Souza, encenado por Amir Haddad em Belém. Novos trabalhos já estão na agenda, como a adaptação do livro de Ruth Rocha *Dois Idiotas Cada Qual Sentado em Seu Barril*. O espetáculo vai ganhar uma versão black musicada.

Para Déo Garcês, o convite para dirigir despertou nele o diretor que existe em cada ator: "Está sendo uma grande experiência que pretendo continuar daqui para a frente. Dirigir é um exercício que todo ator faz com ele mesmo ao pensar no personagem que irá interpretar. E trabalhar com o tema circense é mais cativante ainda, já que é um universo que estimula a criatividade".

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

não perca

O espectador gostou, assistiu e indica

Um Dia das Mães

"Indico o espetáculo porque vem embalado em carinho e emoção. É como um blues ao por-do-sol."

Louise Cardoso, atriz

Copenhagen

"É o melhor texto dos últimos anos e o mais abrangente que eu já vi em teatro. É fantástico. Aborda temas sociais, políticos, humanos e filosóficos com muito humor."

Joana Fomm, atriz

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

"É um espetáculo maravilhoso, com belíssimas composições. A direção acertou em cheio na escolha das atrizes."

Janaína Lince, atriz

Frisson – O Musical

"É uma delícia de musical. Pra cima, bonito, com músicas contagiantes e uma bela atuação dos jovens. É uma ótima pedida."

Nathalia Timberg, atriz

Tony Ramos em Meu Refrão Olê, Olá, Palladium, SP, 1989

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multi show

O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.** O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

multi show
CANAL GLOBOSAT